

“Logo após o dia 25 de dezembro, em que a cristandade comemora o nascimento do Menino Deus, na gruta de Belém, aparecem os bandos de tiradores de Reis, folia que traz a tradição dos Magos, que vieram do Oriente, guiados pela resplendente luz de uma peregrina estrela, a depositar oferendas aos pés do Messias, anunciado pelos profetas e prometido às nações. As letras santas nada nos dizem acerca do gênio e caráter dos três coroados das plagas orientais; a regular, porém pelos bandos que anualmente os representam, andando de porta em porta a pedir pousada, eram eles rapazes folgasões, exigentes e dados à pandega. Não é somente um grupo de tiradores de Reis; há várias companhias e cada qual em seu gênero: umas mais canalhocratas, outras de gente mais escolhida; porém todas, da família do sr. Zé Povinho. Logo ao anoitecer saem as folias a percorrer as ruas e a bater de porta em porta. Nada os detêm na sua peregrinação; quer a noite esteja esplêndida, quer a impertinente chuva, como sempre acontece, caia molhando-lhes o costado; não há obstáculo que lhes empeça a marcha.

Lá vem um dos tais bandos, acompanhemo-lo. A parcerada é luzida, a comitiva e bando de músicos são numerosos e esquisitos os instrumentos que estes empunham; são eles um tambor, clarineta, viola, reque-reque, pandeiro e uma sanfona. Na frente do bando caminha, brandindo uma varinha enfeitada de fitas, um mascarado, a que dão o nome de Bastião. Apenas no limiar da porta da casa que visitam, a música rompe a introdução, em que mais sobressaem as pancadas no tambor e os sons agudos da esganiçada clarineta”.



### Referência do texto:

Jornal Arauto de Minas, 1883 apud IEPHA - Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. Saberes, linguagens e expressões musicais da viola em Minas Gerais; Belo Horizonte: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 2018. p. 50.

FICHA ELABORADA POR MARIA CLARA MACEDO ABREU

GUALAXO  
VIVO

HISTÓRIAS ATRAVÉS DE SONS